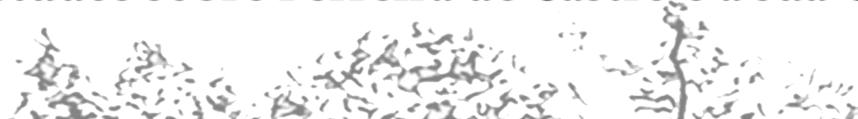


c@striana

Estudos sobre Ferreira de Castro e a sua Geração



“Fantasia a mais, literatura a menos – mas não de somenos”: Nos 100 anos de *Criminoso por Ambição*, de Ferreira de Castro

Ricardo António Alves

Centro de Estudos Ferreira de Castro e Museu Ferreira de Castro

Resumo

O primeiro livro de Ferreira de Castro, *Criminoso por Ambição*, foi, num critério biográfico, um cometimento assombroso. Nada faria prever que uma criança chegada a um seringal na Amazónia com doze anos e meio, viesse a dedicar-se tão precocemente à escrita, iniciando um percurso literário que o guindaria ao estatuto de romancista central do século XX português. E que esse romancinho incipiente contivesse já tópicos que o escritor viria a desenvolver em *Emigrantes* e *A Selva*.

Palavras-chave: *Criminoso por Ambição*; estreia literária.

Abstract

Criminoso por Ambição, the first book by Ferreira de Castro, was an amazing achievement in its precocity. Nothing would suggest that a child, arriving at a rubber plantation in the Amazon with twelve and a half, were to devote himself to writing that early, starting a literary career that would lift him up to the status of central novelist of the Portuguese twentieth century. And this incipient little novel already contains topics that the writer would develop in *Emigrantes* (*Emigrants*) and *A Selva* (*Jungle*).

Keywords: *Criminoso por Ambição*; literary debut, juvenelia.

1.

Ir até onde tudo começou, ir, neste caso, ao *Criminoso por Ambição* é termos a oportunidade de visitar o futuro grande romancista ainda em formação, não apenas como artista mas também enquanto personalidade, e tentarmos encontrar algumas das linhas de força que se manifestarão, por mais de seis décadas, na sua obra – trabalho aliás que já foi feito por alguns autores, nomeadamente por Alberto Moreira, Alexandre Cabral e, principalmente, Bernard Emery, que defende, e bem, que, apesar das críticas de Ferreira de Castro a esse trabalho de juventude,

«ao nível da forma e do estilo, por vezes duma ingenuidade desarmante [...] quanto ao fundo, o livro não merece desdém nem esquecimento, na medida em que constitui uma etapa essencial no desenvolvimento duma experiência literária extraordinariamente fecunda.»¹

2.

Escrito no seringal “Paraíso”, na Amazónia, entre 1912 e 1913, sendo o título primitivo dos dois manuscritos prévios «Amor de Simão»², *Criminoso por Ambição* começará a ser publicado em Belém do Pará na Primavera de 1916, impresso num conjunto de nove fascículos – vendidos de porta em porta –, perfazendo um total de 173 páginas.

Do meu conhecimento, são localizáveis seis exemplares, três deles incompletos: um na Biblioteca Pública de Belém do Pará, outro na Biblioteca Nacional, em Lisboa, dois no Museu Ferreira de Castro, em Sintra, e ainda no Museu Regional de Oliveira de Azeméis e na Biblioteca de Ossela, mandada construir pelo escritor, no início da década de 1970.

Ferreira de Castro encarava *Criminoso por Ambição* com um misto de piedade e ternura. Ternura, pois sempre se tratava do primeiro livro; piedade pela sua incipiência, pelo enredo delirante, que, muitos anos mais tarde, numa entrevista de 1953, qualificará como «uma história idiota»³. Para acrescentar:

«É talvez de todos os meus trabalhos o de mais complicada acção; tem imaginação a mais e literatura a menos e tudo com uma grande ingenuidade infantil. Este livro é, todavia, o irmão mais velho de *Emigrantes*, o seu embrião, não só por ser o meu primeiro romance mas, sobretudo, por tratar igualmente de um homem que emigra.»⁴

Em 1966, quando se assinalava o cinquentenário da edição de *Criminoso por Ambição*, nesse texto memorialístico excepcional intitulado «Pequena História de “Emigrantes”», Castro, vai ser claríssimo a estabelecer o elo entre este livrinho juvenil e aquela que viria a ser a primeira obra canónica.

«Eu tinha vinte e sete anos e olhei para trás. Tudo quanto havia escrito, todas as experiências estéticas já realizadas, inclusive as páginas mais audaciosas, que me pareciam, por esse seu carácter, as mais originais,

¹ Bernard Emery, *L'Humanisme Luso-Tropical Selon José Maria Ferreira de Castro*, Grenoble, Ellug, 1992, p. 58. Chamo também a atenção, do mesmo autor para «*Criminoso por Ambição*, primícias ingénuas duma obra-prima», *C@striana*, Ossela, Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2016, pp. 32-39 – <http://www.ceferreiradecastro.org/p4.php>

² MFC/A-6/Cx.1/Doc.1.

³ In Bernard Emery, *L'Humanisme...*, p. 58.

⁴ *Apud* Alberto Moreira, *Ferreira de Castro Antes da Glória*, Porto, 1959, pp. 47-48.

encontravam-se imbuídas de romantismo, sentimento que vinha desde a meninez e me acompanharia pela vida fora, em satélite do meu próprio realismo futuro, me acompanharia tão persistentemente como a Lua acompanha a Terra, mesmo quando não a vemos. / [...] / [...] decidi voltar atrás, às “Rugas Sociais”, mais remotamente ainda, ao jovem emigrante do “Criminoso por Ambição”, e refazer o meu caminho literário, inteiramente, inteiramente, desde o primeiro passo.»⁵

Nesse período pré-Emigrantes, já em Portugal, muito influenciado pelos modernismos, pela ânsia de originalidade e de ineditismo que marcará a primeira fase da sua obra, Ferreira de Castro tacteia, oscila, experimenta, mas está de alguma forma perdido entre um artificialismo que não lhe era natural, as ideias libertárias que professará sempre e a carga pesadíssima do seu percurso biográfico. E, portanto, quando escreve *Emigrantes* fá-lo por um irreprimível impulso ético; tal como *A Selva*, escrita logo a seguir, será a manifestação literária óbvia de uma catarse.⁶

Alimentada por um imaginário infantil, *Criminoso por Ambição* é uma narrativa que revela um notório ímpeto de escrita, um cometimento simultaneamente de fibra e de sonho. De fibra, porque sente-se que, no meio de toda aquela imaturidade, há um propósito de realizar *uma obra*; de sonho – a tal “imaginação a mais” –, porque, autodidacta, no imaginário do jovem autor se caldeavam ainda as historietas de aventuras de cordel dos primeiros contactos com o texto impresso e o reflexo de outras leituras mais sérias que se lhe proporcionaram.

Seria, pois, muito difícil, depois deste *tour de force* literário que o autor, em idade tão precoce, mesmo destituído de uma boa formação cultural, não estivesse destinado e compelido a fazer da literatura razão de vida e colmatar o seu *handicap* através dum trabalho persistente de autoeducação, como veio a verificar-se.

3.

Entremos, então, nesta história alucinante e rocambolesca, autêntico livro de aventuras, com emboscadas, tiros, luta corpo-a-corpo, violência, violência, violência, ataques de animais selvagens, evasões de presídio (por meio de lençóis atados), um *lobo-do-mar* chamado Capitão Keller, disfarces, nomes falsos, heroína virgem, raptada e trancada, a gritar e a desmaiar, chicoteada por impiedoso vilão com gargalhar malvado. História de crime, castigo e redenção – *Criminoso por Ambição* é um romancinho em que a ingenuidade comovente do jovem de cerca de 15 anos que o redigiu encerra já, em contrapartida, algumas reflexões que espelham um conhecimento da vida de alguém que sentira cedo demais a adversidade da existência.

No «Intróito» o narrador apresenta as principais personagens e situa o leitor: a acção decorre em Ossela, noutros locais do Norte português e em diversas partes da região amazónica, na década de 1880. O protagonista, Simão Rafael dos Anjos, 22 anos, natural e residente em Ossela, filho da sr.^a Clara e órfão de pai desde os seis anos – como o autor –, após terminar o liceu, pretende emigrar, a fim de obter património e estatuto que o habilite a casar com a amada, Beatriz Antonieta da Silva, menina rica que vive apenas com o pai, um bom homem, de teres e haveres e já viúvo, de seu nome Manuel José da Silva.

⁵ Ferreira de Castro, «Pequena história de “Emigrantes”» *Emigrantes*, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2013²⁹, pp. 265-267.

⁶ Ver Alexandre Cabral, «Antecedentes de *A Selva*», *Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro – 1916/1966*, Lisboa, Portugália Editora, 1967, pp. 43-56.

O enleio do par amoroso, mansamente abençoado pelo progenitor, é perturbado pelo inevitável terceiro elemento, Diogo Cláudio de Oliveira, amigo de infância de Simão, representante da nobreza rural, proprietário fundiário em diversas regiões do Norte.

Enquanto nos sentimentos do *herói*, há amor puro por Beatriz, em Cláudio surge a ambição de juntar ao seu o património que caberá por herança à rapariga. A paixão nutrida pelos dois jovens é uma forte contrariedade a enraivecer Cláudio, que procura afastar drasticamente Simão do seu caminho. Para tanto, conta com a cumplicidade de Cosme, o carteiro, indivíduo de má índole e dado ao vinho.

Quanto a Simão, um primo, comerciante no Pará, de visita ao país, alicia-o a acompanhá-lo de volta ao Brasil. A mãe resiste, mas acabará por ceder. Perante os receios desta, Simão responde: «Toda a terra é dos homens!» Porém, questões relativas ao negócio forçaram o primo a regressar mais cedo, ficando apazada a partida de Simão para Janeiro do ano seguinte.

Cláudio passa, entretanto, à acção, e arma uma primeira cilada em local ermo, tentando atingir mortalmente Simão. O falso amigo revela-se e exprobra o outro por ousar ter pretensões relativamente a Beatriz. Em sua defesa, Simão puxa da pistola, mas, inopinadamente, uma terceira arma intervém, ferindo Cláudio. Simão corre então a casa de Manuel José da Silva, contando-lhe o sucedido, provavelmente sem saber que o tiro que ferira Diogo não fora disparado por si. Ficaremos mais tarde a saber que se tratou de uma intervenção desastrada do bêbado Cosme, que, procurando acertar no nosso herói, acabou por atingir o cúmplice.

Muito inverosimilmente, pretextando-se vítima de um assalto, Cláudio irá convalescer em casa do pai de Beatriz, no que este consente, mesmo quando fica a par da história real, para que Simão não seja denunciado à polícia por Diogo, como suposto autor do disparo, e, por outro lado, para evitar que o nome de Beatriz, causa da disputa, seja envolvido no caso, com motivo de escândalo.

Chegada a véspera da partida de Simão, o Dia de Reis – como o foi do pequeno José Maria Ferreira de Castro, em 1911 –, numa penada e atabalhoadamente, o jovem autor resolve o primeiro desenlace narrativo:

1. No Natal, tradicionalmente, depositam-se ofertas para leiloar no Dia de Reis. Simão oferecera um colar modesto, enquanto Beatriz havia contribuído com um alfinete com um diamante. Chegado o dia, no adro da igreja, o leilão assiste à disputa entre o pai de Beatriz e outro indivíduo pelo colar, que o primeiro arremata, tal como sucede com Simão o alfinete, o que mais acicatam os transportes mútuos de amor eterno;

2. Um curioso encontro com o mestre-escola Portela (personagem real, professor primário de Ferreira de Castro), em que Simão pede a protecção daquele para Beatriz, invocando um mau pressentimento;

3. Ida a casa de Beatriz, com despedida lacrimosa e lancinante, observada às escondidas por Diogo;

4. Fim do dia. Antecipando a partida no dia seguinte, Simão pernoita em Estarreja, em casa do sr. Mário, “abastado comerciante” que fora amigo do seu pai.

Simão e Mário partem para o Porto, a 7 de Janeiro. Têm de aguardar cinco dias, por avaria do navio, o “Manauense”⁷, artifício necessário no enredo, como se verá. Simão queixa-se: o enjoo, o cheiro nauseante da 3.^a classe, a angústia de largar terra, sem saber se ou quando voltará. O navio faz escala em Lisboa, e parte com mais de cem emigrantes a bordo (dia 14 Janeiro de 188...).

⁷ (que na versão manuscrita se chamava ‘Jerome’, nova coincidência).

O que Simão ainda não sabe é que, no navio, segue também, em primeira classe, o agora inimigo Cláudio.⁸ Enraivecido pelo atentado aos seus interesses de consorciar-se (e também pelo ciúme?), persiste no intento de eliminar Simão, decidindo partir igualmente para o Pará, no seu enalço. Alegando pretender terminar a convalescença numa sua propriedade do Minho, despedira-se de Beatriz e do pai, mas, disfarçado, encaminha-se para o Porto, embarcando em Leixões.

Será, pois, em alto mar que Diogo avistará Simão, meditando à amurada do navio, e, claro, procurará desempenhar-se naquela mesma noite do móbil que o trouxera ali. Acobertado pelo escuro, Diogo ataca Simão no seu beliche, defendendo-se este, empregando uma força hercúlea. Diogo denuncia-se ao invectivar o antigo amigo, sendo agora a vez deste de sofrer um ferimento de bala num braço.

A tripulação, alertada pelo reboliço, intervém e ambos são postos a ferros, após interrogatório áspero do Capitão Keller – assim se chamava o *lobo-do-mar*.

Desembarcados em Belém, ambos são encarcerados e interrogados pelo promotor público. Apurados os factos, vinga a versão de Simão, ficando Diogo na prisão.

Na segunda parte, vamos encontrar Simão outra vez numa circunstância idêntica à de Ferreira de Castro: chegado num período de crise económica, é encaminhado pelo primo para o seringal ***, no Alto Purus, onde vai ter grandes dificuldades com o clima, o medo das feras, e os maus-tratos do patrão, contrariedades que o levam ao desespero. Na brenha amazónica é atacado por uma onça (que também fará a sua aparição n'*A Selva*), e só a muito custo e compelido sob ameaça de arma, um outro seringueiro, chamado Manuel, o socorre – aqui em evidente contraste com *A Selva*, em que no meio de homens ferozes ou simplesmente indiferentes, um há, Firmino, solidário com Alberto, que terá um papel decisivo na evolução da perspectiva deste em relação àquela massa humilde e ignara, retirantes vindos do Ceará e Maranhão, que na Amazônia procuravam sobrevivência à seca que lhes tornava a vida impossível nas terras de origem.

Entretanto, Diogo, com mais dois brasileiros, evade-se da prisão de Belém. Disfarçado, embarca rumo a Pernambuco sob o nome falso. Regressado a Portugal vai visitar Beatriz, como se de facto tivesse chegado de Viana do Castelo, e não encontra melhor do que planear o rapto da pretendida, em cumplicidade com o já conhecido Cosme. Inventando um acidente grave com o pai, Beatriz é atraída a uma carruagem, e levada para Famalicão, para uma casa que dista cerca de dois quilómetros da vila, e trancada num quarto. Aí, para desespero da rapariga, Diogo tenta possuí-la, sendo repelido com asco. O *criminoso por ambição* sente-se afrontado e castiga Beatriz a golpes de chicote.

Entra em cena o Prof. Portela, que na companhia de um Dr. Hamilton, se deslocara para aquelas paragens, num dia de caça. Ouvindo gritos de aflição, irrompe pela moradia, dando de caras com Diogo, que o agride e domina, para, em seguida, preparar-se para continuar o assédio a Beatriz; mas uma providencial tempestade que se desencadeia, desfecha um raio que se abate sobre a habitação, derrubando uma parede e aniquilando (ou parecendo aniquilar) Diogo. Obviamente que é por aí que Beatriz se escapa, sem saber que o corajoso professor estava perto, amarrado, sem, portanto, prestar-lhe auxílio.

A «virgem formosa», lança-se pela escuridão em terreno desconhecido e agreste, sofre uma queda num barranco, acabando por ferir-se com gravidade e perder também os sentidos – qual Branca de Neve

⁸ Através dum *flashback* o leitor fica a saber que Diogo fora informado por Cosme que Simão embarcaria para o Brasil; e que em casa de Beatriz – onde, recorde-se, estranhamente convalescia – assistirá às despedidas lacrimosas do par amoroso.

largada no bosque pelo caçador –, sendo encontrada, ao amanhecer, pelo carreiro Manuel, que a transporta, muito maltratada, para casa e para os cuidados da mulher, enquanto aguardam um médico.

Ainda no Brasil, sufocado pela crise e com pouco dinheiro no bolso, o dia-a-dia de Simão transcorria na procura de trabalho e no convívio ocioso com brasileiros e portugueses imigrados, ocorrendo um episódio com importância para o desenvolvimento da narrativa: num convívio de casa de pasto, outro emigrante brinda a Portugal, «o país mais atrasado das cinco partes do mundo.», Simão ameaça-o jocosamente com umas bengaladas.

Desesperado, tenta ainda auxílio no consulado português em Manaus, sem sucesso (e aqui temos outra similitude com *A Selva*, quando Alberto, desembarcando do gaiola em Manaus, contra as ordens do angariador Balbino, se dirige a um português rico, o comendador Aragão, a pedir trabalho); e, para agravar a situação, é despejado do quarto que arrendava, por conveniência do proprietário – Borges de seu nome, um apelido de personagem pouco simpática de *Emigrantes*.

Simão penhora o relógio que fora do pai, paga o que deve, e decide suicidar-se. Não encontrando o revólver, «mão invisível retirara-o», projecta afogar-se nas águas do Rio Negro. Reúne os seus pertences numa mala, a que junta uma nota indicando que, após a sua morte, o conteúdo seja dado aos mais necessitados da cidade; encaminha-se para a margem, mas, surpreendentemente, é detido. Alguém agredira barbaramente o português que fizera o brinde a Portugal, denunciando Simão como principal suspeito deste acto, o que lhe vale um ano na prisão.

Na véspera da libertação, num golpe de sorte, pedindo esmola pelas grades da cela, um transeunte, em cumprimento de uma promessa, dá uma nota de 50 réis a Simão. Sem grandes ilusões quanto ao futuro, compra um bilhete inteiro da lotaria, com prémio de 500 contos. No dia seguinte, já em liberdade, toma conhecimento que a cautela premiada fora a sua.

Detestando o luxo, apesar de rico, compra um bilhete em 3.^a classe. Pelos jornais da tarde, já lidos no convés, sabe que o verdadeiro culpado da agressão ao compatriota fora descoberto. Vítima de erro judiciário, é, assim, inocentado; no entanto, Simão havia já perdoado no seu íntimo a quem o inculpara, e abandona em paz o Brasil.

No regresso, tem um encontro emocionado com a mãe, após três anos de ausência, que o narrador sente incapaz de ser descrita. Vai, em seguida, visitar o desesperado pai de Beatriz, que, como se viu, havia sido raptada. Mas, de coincidência em coincidência, praticamente em simultâneo, é informado do rapto, para, logo de seguida a irmã lhe comunicar o regresso da amada. “Estará maculada?” – pergunta-se Simão, inquieto; dúvida que logo é desfeita pela efusão e palavras amorosas de Beatriz no reencontro.

Quando parecia que a história ia acabar, com a boda à vista, eis que o jovem autor ainda nos dá mais uma guinada na narrativa, com um capítulo intitulado “O plano de Diogo”.

Faltava este malvado, que afinal sobrevivera ao raio. Congemina arregimentar uns sicários para trabalharem no casamento, que tratarão de envenenar Beatriz antes da lua-de-mel – evitando, assim, que ela se entregue a Simão, como sua mulher. Plano complicadíssimo, que compreende a venda de propriedades em Chaves e Ossela, a ida para Lisboa com o cúmplice Cosme, a partida para a Suíça, via Alemanha, onde pretendia ficar, levando consigo uma mala cheia de dinheiro. No bote a caminho do paquete, o Tejo encapelou-se, e *obviamente*, os elementos trataram de fazer justiça: Cosme tem uma morte horrível,

retalhado pelo hélice do barco, e Diogo salva-se, mas perde toda a fortuna que levava na mala, tornando-se, a partir daí, um mendigo.

Eis que Diogo cai, finalmente, em si: “ – Tarde, tarde mas sempre chegaste, justiça divina! Eu sou um miserável, indigno da compaixão de alguém!”⁹

Agora sim, é altura de terminar, com final edificante e feliz: casamento no Dia de Reis, igreja engalanada, presença do Prof. Portela. Sem ostentações, exigência de Simão, o reverendo Teixeira celebra o matrimónio. Mas, antes do fim da boda, um maltrapilho aparece a pedir a remissão dos seus actos. Diogo, pois claro, que de forma magnânima é perdoado e convidado a jantar e a juntar-se à boda auspiciosa. Porém, o vilão desaparece, cheio de vergonha e remorso, assim terminando *Criminoso por Ambição*, com o Bem a triunfar sobre o Mal.

4.

Não é apenas a ingenuidade que sobressai: são as patentes deficiências de composição, precipitações na acção, como vimos, ou episódios cujos desenlaces são resolvidos sem que o leitor perceba bem como, insuficiências de quem não adquiriu ainda recursos técnicos essenciais. O uso da elipse, por exemplo: em determinado passo da acção, o narrador dirige-se desta forma ao leitor: «Já que os três disseram que só davam início aos seus trabalhos depois das dez horas, convido o leitor, [*sic*] a retirar-se para regressar à hora aprazada.»¹⁰ – sendo que a hora aprazada surge imediatamente, no parágrafo seguinte.

É também frequente o uso de vocabulário especioso e grandiloquente, como nesta passagem em que o vilão Diogo tenta amolecer Beatriz:

«Nada temas Beatriz; – disse ele aproximando-se – porque eu hoje estou envolvido num manto de prazer, pois tenho junto de mim a mulher que eu mais adoro, mais estimo, a mulher a quem do recôndito do coração consagro verdadeiro afecto.»¹¹

Não obstante a narrativa rudimentar, há aspectos de grande interesse para quem estude a obra castriana, um dos quais persistirá na obra futura: o gosto pela introdução de elementos gráficos de grande destaque visual, como vemos em *A Selva* e noutros livros posteriores. No caso do *Criminoso por Ambição*, já no fim, é o número do bilhete da lotaria, 6610, que se destaca no texto, em corpo maior.

Outra nota curiosa é o da referência a escritores, ao longo do texto, tanto mais que na entrevista a Álvaro Salema, gravada em 1973, Ferreira de Castro afirmou que no seringal apenas se encontravam livros de um único autor digno de menção, Coelho Neto.¹² Neste livro surgem referências a Balzac, Benjamin Franklin, Daudet, Zola e Pérez Escrich, folhetinista de grande audiência na transição do século XIX para o XX, fazendo hoje parte da multidão de escritores que não sobreviveram à passagem do tempo. Nos manuscritos, apareciam já os nomes de Camilo, Balzac, Lamartine, Chateaubriand, Eugène Sue.

⁹ Ferreira de Castro, *Criminoso por Ambição*, Belém, Empreza Editora, 1916, p. 170.

¹⁰ *Ibidem*, 90.

¹¹ *Ibidem*, 115.

¹² Ferreira de Castro, *Entrevista 11*, Lisboa, Sasseti, 1973 (reedição em cd, Strauss, 1998).

Também o cinema, que será um interesse marcado de Ferreira de Castro na década de 1920, merece aqui uma referência: «Uma série de crimes se ia desenvolvendo como uma película cinematográfica na sua mente [...]».¹³

Mas o que me parece verdadeiramente digno de nota neste romancinho são os vários tópicos que prefiguram a obra canónica de Ferreira de Castro.

Comecemos pela questão da emigração: numa das várias digressões, divaga-se sobre o logro que onze anos mais tarde terá um desenvolvimento cabal na saga de Manuel da Bouça:

«[...] Não há ninguém no universo que não deseje ser independente. O pobre trabalha de sol a sol para ajuntar umas míseras moedas ao canto da sua arca, o rico procura duplicar a sua fortuna, o milionário triplicar os seus milhões e, quanto mais dinheiro possuímos, mais sede de dinheiro temos. Ora a América é o ideal dos desprotegidos da fortuna. Influídos por alguns que, à custa dos mais rudes sacrifícios, conseguiram alguns centos de francos, ei-los que vão às centenas, em busca da riqueza que julgam achar no Novo Mundo.

Grande utopia!

Aí, no meio de estranhos, desconhecendo a terra e os seus costumes, sofrem as maiores privações. No princípio, os sarcasmos que lhes atiram e os árduos trabalhos pouco os fazem sentir, porque a vontade de possuir dinheiro domina tudo; porém este entusiasmo ante a realidade vai afrouxando e é então que começam as verdadeiras torturas. Chega o arrependimento; mas já é tarde!...»¹⁴

E no regresso de Simão a Portugal, vemos o que será o programa do romance de 1928:

«Quantos corações d'além-mar olhavam com infinito prazer para a pátria querida! Pensavam ainda que o que viam não era a verdade material, palpável, e sim uma das evocações que faziam lá, longe, em momentos nostálgicos!

[...]

Quantos, ainda, cientes do seu valor, emprestado pelo dinheiro que licitamente ou não conseguiram, desejavam mostrarem-se, empavesados, aos conhecidos da aldeia.

Só aqueles que não traziam pecúlio algum não tinham sensações. Estavam envergonhados de se apresentarem ante os seus, pobres como saíam.

Estes, coitados, é que sofriam! E enquanto houver dinheiro sobre a terra, metade, o que digo! Noventa e nove por cento da humanidade sofrerá.»¹⁵

Saltemos agora para a primeira descrição da Amazónia, remetendo-nos, inevitavelmente, para *A Selva*.

«Quem pela primeira vez vê o caudaloso Amazonas, essa monstruosidade líquida, tem logo a impressão de que ali tudo é grandioso e significativo. Nas margens arbustos e árvores entrelaçam-se numa confusão mística. Aqui uma praia formosa onde adejam gaivotas multicores, ali a terra deslocada formando

¹³ Ferreira de Castro, *Criminoso por Ambição*, p. 75.

¹⁴ *Ibid.*, 82

¹⁵ *Ibid.*, 161-1621

um grande barranco íngreme, que para vingar-se da árvore que lhe suja a seiva, a despenha do alto no imenso campo sem plantio que lhe corre aos pés.

Tudo é belo e sublime!»¹⁶

Vamos encontrar, ao longo do livro, outros tópicos castrianos, como a atenção ao trabalho, a denúncia das iniquidades sociais ou a rejeição do sobrenatural. Neste particular, cite-se a única nota de rodapé do livro, para esclarecimento do leitor brasileiro, ironizando sobre as *alminhas*, esses padrões colocados à beira das estradas e dos caminhos, ao longo do país:

«Em Portugal dão o nome de “alminhas” a uma casinha de pedra erguida no lugar “frequentado” pelos fantasmas. Geralmente dentro desta espécie de capela, há um São Miguel pintado numa tabuleta e, no exterior, um buraco para os viandantes deixarem a esmola... talvez para os fantasmas.»¹⁷

A luminosidade, que será um elemento nobre nas descrições das obras futuras, merece a atenção de Ferreira de Castro em algumas passagens desta obrinha inicial.

«Eram oito horas da manhã.

A vila que serve de epígrafe a este capítulo [Vila Nova de Famalicão], estava coberta de uma espécie de pano preto e branco.

Efeitos do Sol.

Onde não o deixavam penetrar vingava-se dando a sombra, o luto; porém quando a entrada era franca, ele tudo prateava, tudo iluminava – tudo era branco.»¹⁸

Outra nota importante é a da consabida atenção que Ferreira de Castro sempre deu à Natureza vegetal, à árvore – como quando Simão se despede da paisagem familiar, antes de emigrar: «[...] o seu olhar lânguido estendeu-se em redor, como para despedir-se [,] da orgulhosa e altaneira árvore à humilde e rasteira erva.»¹⁹

Ou ainda uma feição romântica e fantástica, por vezes mórbida, que vamos encontrar em páginas das obras da maturidade, ora introduzindo um elemento equívoco na descrição ou antropomorfizando a Natureza. Repare-se nesta passagem sobre uma tempestade marítima:

«Fora tinha-se formado uma tremenda luta entre os elementos etéreos: o vento impelido com mais força pelo seu motor invisível, ora assobiava melancolicamente, ora berrava como a sirene dum navio; os trovões faziam-se ouvir, agora juntos, depois espaçados, como fortes bombas de dinamite; os raios cortavam o espaço, sempre rabiando e sempre deixando atrás um sulco de fogo e a chuva caía em grossos fios.

As plantas, na terra, tremiam assustadas, e as árvores seculares, mais corajosas, vergavam as suas folhas e galhos à grande força oculta.»²⁰

¹⁶ *Ibid.*, 74-75.

¹⁷ *Ibid.*, 109.

¹⁸ *Ibid.*, 110.

¹⁹ *Ibid.* 33.

²⁰ *Ibid.* 121-122.

Ou o Sol, desgostoso e impressionado, ante as penas de Beatriz: «Anoitecia. O sol parece que aborrecido de ter visto tantos martírios infligidos num só dia àquela desgraçada moça, retirava-se apressado para não assistir a mais nenhum.»²¹ O mesmo Sol que, ao outro dia, se levanta «com muito vagar, talvez receoso de descobrir as misérias do mundo e, muito em particular, os sofrimentos de Beatriz.»²²

Finalmente, toda a tendência reflexiva e introspectiva, a atenção que Ferreira de Castro dedicava ao comportamento humano, e que virá a explorar tão bem em livros posteriores, bem assim como a auto-referenciação como objecto de *escavação* literária – tópicos interessantes a estudar pelos castrianos –, têm também os seus afloramentos iniciais em *Criminoso por Ambição*. Dos apertos da partida à comoção do regresso – em que o narrador se desculpa perante o leitor e confessa ser a sua «pena muito humilde para descrever cenas tão grandes»²³, da projecção óbvia da Margarida por quem se apaixonou, sendo, na sua atitude viril, uma das causas determinantes na partida para o Brasil; até à estranha presença do «bondoso professor»²⁴ Portela, com um inusitado papel heróico na acção, como se fora um substituto reconfortante duma imagem paterna inexistente e dos homens adultos que na sua curta vida lhe houvessem trazido dissabores.²⁵

5.

Há mais de cem anos, por volta de 1913, num intervalo de qualquer tarefa no armazém do seringal, o jovem adolescente de quinze anos apunha, no primeiro manuscrito, *Algumas palavras acerca do romance*, dirigindo-se ao

«Leitor:

Na primeira página, na segunda, na terceira e em todo o decurso deste livro há-de encontrar erros, erros crassos, que jamais podem ser reparados.

Mas quando fiz este romance, não foi com o intuito de rivalizar com Castelo Branco, Lamartine, Sue e outros escritores, cujos méritos todos conhecem, apenas quis transmitir ao papel o que produz a minha mente inexplorada.

Para dar-te uma desculpa plausível, basta dizer que não tive instrução e mal sei fazer as garatujas que estás vendo.

Se fiz o romance que segue, não foi por me julgar com competência para isso, quis apenas tomar algumas notas dos casos passados em minha infância – porém mais tarde quando fui revê-las encontrei-as um tanto romanescas, o que me levou a adicionar-lhes alguns casos imaginários e preparei o livro que decerto vais ler.

Portanto, desculpa o [*sic*]

²¹ *Ibid.* 131.

²² *Ibid.* 132.

²³ *Ibid.* 162.

²⁴ *Ibid.*, 119.

²⁵ Desde logo, a partida do jovem emigrante, situação que levará, anos mais tarde Ferreira de Castro escrever uma das suas páginas magistrais:

«Simão que, debruçado na amurada do navio, que cortava com velocidade as águas do bravo Atlântico, ficava horas e horas pensando nos seres queridos deixados na sua terra e que pouca esperança tinha de torná-los a ver.

A nostalgia, essa terrível doença moral, que tanto crucia os exilados da pátria, tinha feito as suas colheitas no infeliz mancebo. *Ibid.* 61-62.

Como foi possível, já me perguntei diversas vezes, que alguém fadado para um trabalho humilde na província, ficando em Portugal, ou destinado a morrer anonimamente na Amazónia, ainda jovem, ou porventura a tornar-se mais um próspero comerciante português no Pará, consoante o que o acaso lhe proporcionasse – como foi possível esta existência notável, reconhecidamente um romancista central do século XX português, com tudo o que literária, política e socialmente essa circunstância lhe trouxe?...

Nele se conjugaram uma série de circunstâncias de que tirou o maior proveito para o seu desígnio de vida: ser escritor. A sensibilidade e a inteligência inatas ajudaram, e muito certamente; como fundamental foi a sua enorme vontade e capacidade de sacrifício de que tanto *Criminoso por Ambição* como o *Mas...*, já em Lisboa, exemplificam. São, pois, qualidades com que se nasce e que foram potenciadas arduamente por si e pelos próprios incidentes.

Mas outros episódios ocorreram durante a infância, repetidamente, por certo, que funcionaram como uma espécie de traumas ao invés, ou seja, lhe inocularam um vírus, o vírus benfazejo da escrita. Refiro-me à funda impressão que lhe causava a literatura de cordel, quando ia à feira, com a mãe; e as passagens frequentes, a caminho do mercado de Oliveira de Azeméis, pelo jornal da terra, intitulado *A Opinião*, vendo-o a ser composto e a sair das máquinas, «como se fosse uma obra de Deus», dirá muito mais tarde. E a verdade é que este *A Opinião* no início do Verão de 1916, receberia o primeiro fascículo deste *Criminoso por Ambição*.

Juntemos estas impressões de infância à sorte de no seringal ter um interlocutor que o estimulou à leitura e à escrita, um simples guarda-livros, chamado Manuel Sabino Durães, uma das pessoas a quem ele dedica o primeiro livro, e que aos 75 anos não se esqueceu de mencionar²⁷ – juntemos tudo isso e ficamos com esta figura invulgar que se construiu a si próprio, tendo alcançado com os seus livros, com as traduções que eles conheceram, com as distinções que recebeu, com as centenas de milhares de leitores que teve e continua a ter, um patamar que a generalidade dos seus contemporâneos, escritores e não-escritores, não logrou.

Abril de 2016.

²⁶ *Amor de Simão*, fl. 1, MFC/A-6/Cx.1/Doc.2

²⁷ Ferreira de Castro, *Entrevista 11*

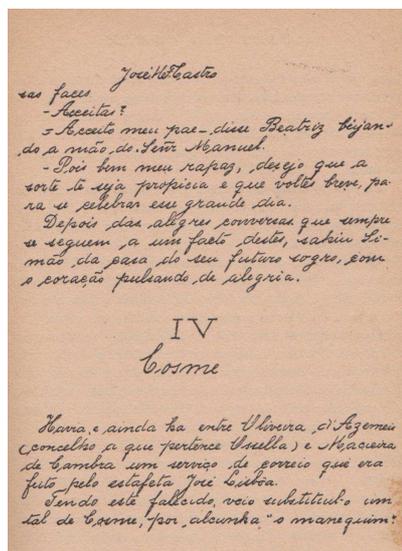


Figura 1 – página manuscrita de *Criminoso por Ambição*

In, Jaime Brasil, *Ferreira de Castro, A Obra e o Homem*, Editora Arcádia, Lisboa, 1961

